

CAI GUO-QIANG E A APROPRIAÇÃO DE MOMENTOS CINEMATOGRAFICOS

Susana Rocha¹

Resumo: A transversalidade das diferentes áreas artísticas é uma realidade no universo contemporâneo tendo nascido de um entrosamento (logo à partida) entre artes plásticas, fotografia e cinema, que se concretiza em obra a diferentes velocidades temporais. Se inicialmente o cinema se constrói a partir da imagem estática tendo como referência a pintura e a fotografia, agora podemos identificar um trabalho inverso no contexto da arte contemporânea. Usando o cinema como uma nova forma de realidade, alguns artistas desconstruem o seu movimento, através da pintura, da fotografia, do vídeo ou da instalação apresentando obras onde a velocidade e o movimento são manipulados, e onde a quietude do desenrolar de momentos é instrumentalizada com vista ao encontro e à intensificação de um momento único: um clímax.

Neste contexto será apresentado o caso do artista chinês Cai Guo-Qiang, onde a procura desta ideia de um clímax é fortemente sentida, oferecendo-nos pela simulação de uma ação tornada espetáculo e concentrada num só momento, a intensidade visual do que podemos identificar com um momento cinematográfico.

Palavras-chave: Cai Guo-Qiang; clímax; arte contemporânea.

Contacto: susanavrocha@gmail.com

O encontro entre duas disciplinas não acontece quando uma reflete sobre a outra, mas quando uma disciplina compreende que tem que resolver, por si mesma e através dos seus meios, um problema similar a um confrontado pela outra disciplina.

Gilles Deleuze

No início da história do cinema, a pintura e a fotografia enquanto modelos inspiracionais marcaram profundamente a animação das imagens. Houve uma forte presença da imagem estática, a quem foi dada vida e uma narrativa completa, muitas vezes inspirada na Literatura, que sustentou o desenrolar da imagem em movimento que o cinema nos seus primórdios nos oferece.

Porém, e logo desde cedo, o cinema também permitiu, a aparente manipulação da realidade, e abriu novos universos visuais e narrativos, de uma forma muito característica: 17 anos depois do seu nascimento, a reprodução da realidade não bastava, tendo Georges Méliès criado o que se pode chamar de primeiro filme de ficção

¹ Doutoranda na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, investigadora do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA-FBAUL), bolsreira FCT.

científica, *A Viagem à Lua* (de 1902). Em suma, o cinema autonomizou-se, desdobrou-se em universos novos e enriqueceu a nossa imaginação, de uma forma tão característica que ainda hoje nos seduz a sua magia.

Com esta abertura de novos mundos visuais, era inevitável que o próprio cinema se tornasse um referente para as artes plásticas, que anteriormente o tinham inspirado. E depois de um longo caminho de partilhas várias, a arte contemporânea não tardou a encontrar na sedução do cinema, ou da imagem em movimento “lato senso”, um mote para a estetização de momentos que passamos a intuir como “cinematográficos”.

Isso foi evidente em correntes artísticas como o futurismo, ou na década de 60 com as obras de Warhol e Lichtenstein e é ainda hoje notório em obras contemporâneas de Cindy Sherman (por exemplo: *Untilted Film Stills*, 1977-80), Sam Taylor-Wood, Peter Doig (por exemplo: *Echo Lake*, 1998), onde o cinema é, pelo menos, intuído.

A perspetiva aqui apresentada não terá origem na teoria do cinema, da dança, do vídeo, ou tão pouco da imagem em movimento. Nasce de um pressentimento de transversalidade que é originado por uma obra plástica, no contexto multidisciplinar da arte contemporânea. E é neste domínio da influência pressentida do cinema, mas nem sempre clara ou evidente, que Cai Guo-Qiang se encontra.

Há na obra deste autor um percurso aparentemente inverso (ou pelo menos uma inversão de referências) onde é a estética e a dinâmica do cinema que contaminam a obra plástica, originando obras apelativas a um público de massa, aproximando-se de uma ideia de entretenimento.

Mark Lewis, um artista conhecido sobretudo pelas suas vídeo-instalações afirmou que a arte imitou tudo sobre o cinema: o tamanho, a escala, os meios de produção. O que remete para a ideia do impulso mimético na arte, e a sua insistente ideia de se parecer com outra coisa, dissolvendo fronteiras definidas entre as diferentes disciplinas artísticas, ou criativas, e as suas intenções.

É importante sublinhar que quando refiro o cinema, especialmente no caso de Cai Guo-Qiang, não pretendo evocar o cinema artístico, ou ao cinema de autor, onde as preocupações estéticas e textuais são de uma outra ordem. Estou a referir-me ao cinema enquanto a “arte popular do séc. XX”, ao cinema para grandes públicos, que criou uma espectacularização da narrativa e da imagem e com isso conseguiu a adesão incondicional de público geral. Esse cinema criou uma cultura que obedece a parâmetros que conseguimos imediatamente intuir: nomeadamente a rápida sedução do

olhar. E entre os artistas que fazem uso dessa estética exacerbada pelo cinema comercial, está Cai Guo-Qiang. Porém, a sua obra não se esvazia nesse mero paralelismo.

Cai Guo-Qiang é um artista chinês, nascido em 1957, e tendo por isso assistido, na sua adolescência, aos efeitos da chamada Revolução Cultural Chinesa, um período conturbado da história da China, governada por Mao Tsé-Tung. Durante este período, o artista assistiu a explosões diárias e ao uso sistemático de pólvora, tanto com motivos bélicos como com fins celebrativos. Isto marcará toda a sua obra, e a pólvora será por si encarada como um material holístico, que origina a explosão, e que é simultaneamente uma força criativa e destrutiva, com origem na própria criação do universo.

Com pouco mais de vinte anos, Guo-Qiang participou, enquanto ator, em vários filmes de artes marciais sendo os mais conhecidos *The Spring and Fall of a Small Town* (1978) e *Real Kung Fu of Shaolin* (Yang Kao, 1980). Após a queda do governo de Mao, e a adoção da chamada “política de portas abertas” instaurada na China, intrigado pelas formas de arte ocidental, o artista ingressou no curso de *design* cénico da Academia de Teatro de Shanghai, tendo assim desenvolvido um conhecimento interno das artes de palco, dos seus arranjos espaciais e desenvolvido um forte sentido de uma estética de espetáculo.

Fundindo todas estas experiências, Cai Guo-Qiang cria uma obra transtextual, onde a tradição chinesa e a cultura cinematográfica, chinesa mas também americana, se relacionam de forma coesa porém peculiar. A isso acrescenta uma visão particular do mundo onde elementos da cultura oriental e ocidental se misturam, traduzindo-se num panorama de interesses invulgares: a física, o tempo, o espaço, a vida extraterrestre, a explosão e a pólvora, a guerra, a espiritualidade, a natureza, e os paradoxos de duas culturas.

O desenvolvimento económico da China, bem como uma progressiva abertura à cultura ocidental, criaram um fascínio por tudo o que era novo e do qual a China se tinha visto privada. É assim natural que um certo sentido de espetacularidade se tenha instalado nas obras de Cai Guo-Qiang, onde a explosão se torna um paradoxo de tradição e efeito especial, de trauma e libertação, de adrenalina e estatização no tempo da imagem em movimento, de fantasia e de realidade socialmente consciente, sempre com uma aura cinematográfica presente. Sempre com preocupações espaciais,

tipicamente orientais, onde a composição no espaço, impacta a forma como nos relacionamos com ele.

Consideremos *Inopportune: Stage One* (2004). A obra simula a explosão de um único carro, como se observássemos diversos *frames* de uma ação numa só imagem. Para além disso oferece ao público um espetáculo de violência que atrai pela beleza abstrata da destruição, jogando novamente com o paradoxo da explosão enquanto símbolo positivo e negativo simultaneamente. Oito carros americanos são posicionados em várias fases de voo, enquanto um nono é mantido inerte, no chão. Trespasados por luzes coloridas e intermitentes, os carros brilham simulando diferentes temperaturas, e induzindo uma vez mais a um sentido de progressão na imagem que se dilata no espaço.

A obra foi apresentada em diferentes composições, sendo uma das mais divulgadas a da nave central do Guggenheim em Nova Iorque. Porém estas premissas, da progressão espacial e da autópsia do movimento da explosão, mantiveram-se.

Passemos à obra *Black Ceremony* (2011), uma de muitas obras pirotécnicas de Cai Guo-Qiang, onde a explosão deixa, necessariamente, de ser simulada. Neste caso assistimos a uma série de 10 explosões no Qatar, para celebrar a inauguração de uma exposição do artista no Arab Museum of Modern Art. Explosões áreas, negras, ou com todas as cores do arco-íris, que dificilmente se confundem com qualquer outro acontecimento.

O que parece mais interessante neste fogo-de-artifício diurno de Cai Guo-Qiang, é a forma como a ação se desenvolve: um surgir, quase mágico, ou pelo menos surpreendente, de formas quase estáticas, que de seguida se dissipam, deixando de ser, tornando-se apenas uma névoa.

Para além do evidente paralelismo com os efeitos especiais do cinema, próprios de tantos filmes de ficção ou de ação, há uma certa ironia neste quase paralisar de uma forma aérea, que é uma imagem em movimento em três dimensões. É como se a passagem da imagem bidimensional enquanto influência para a imagem em movimento tivesse sido, como já referi, invertida, e agora fosse a imagem em movimento que subitamente é suspensa, dando a impressão de que o tempo também o é, e que portanto a realidade do tempo é manipulável.

A ideia de celebração e agressão está uma vez mais presente, na completa transfiguração de significado, de uma explosão negra e outra colorida, e outra negra e

mais outra... Não sabemos se estamos perante uma comemoração ou um ataque, porque visualmente estas explosões, não correspondem nem a uma coisa, nem a outra.

Vindos da mesma necessidade de estatizar a ação e o movimento da explosão, Cai Guo-Qiang criou também diversos desenhos com pólvora seca, que faz explodir. O processo é relativamente rápido, mas apresenta claramente um crescente de expectativa, e um clímax de ação, que fica gravado no papel.

Habitualmente este não é um momento aberto ao público porém, em alguns registos tornados públicos, vemos uma pequena plateia convidada a assistir, e o seu comportamento é de quem espera puro entretenimento - o que é relativamente comum nos acontecimentos criados pelo artista, mas também nas suas instalações, que independentemente se serem imagens de fácil digestão são de uma beleza notável.

Essa beleza torna-se evidente em obras como *Sky Ladder* (2015), a última obra a referir, e talvez aquela com maior sentido poético. Havendo sido tentada 3 ou 4 vezes, sem sucesso, *Sky Ladder* talvez não tenha o impacto do movimento explosivo que é habitual na obra de Cai Guo-Qiang, mas possui uma qualidade de grande produção, de efeito especial, e simultaneamente de encantamento que a torna visualmente entusiasmante. Uma escada (de pólvora) é içada no ar, por um balão, numa aldeia piscatória chinesa. Progressivamente arde contra a escuridão noturna do céu, iluminando levemente a paisagem.

Não sabemos necessariamente o que está a acontecer, para além do facto do artista contar que esta é uma imagem de um sonho de criança, mas o impacto que uma imagem assim causa é certamente algo que pertence ao domínio do inconsciente, do sonho, ou ... naturalmente, do reino de infindáveis possibilidades, do cinema.

Cai Guo-Qiang, explora, nesta e em todas as obras comentadas na comunicação apresentada no encontro da AIM, a imagem da explosão, e a sua ação em toda a extensão, colocando questões que são de tal forma transversais que parecem conciliar pólos opostos ou paradoxais, tanto simbólicos como estéticos.



Imagem 1 – Cai Guo-Qiang, *Inopportune: Stage One*, 2004.



Imagem 2 – Cai Guo-Qiang, *Black Ceremony*, 2011.



Imagem 3 – Cai Guo-Qiang, *Desire for Zero Gravity*, 2012



Imagem 4 – Cai Guo-Qiang, *Sky Ladder*, 2015

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. 2002. *Cai Guo-Qiang: An Arbitrary History*. Milão: 5 Continents.
- Company, David. 2007. *Cinematic*. Londres/Massachusetts: Whitechapel Gallery/MIT Press.
- Guo-Qiang, Cai. 2010. *Cai Guo-Qiang: Fallen Blossoms*. Philadelphia: Fabric Workshop and Museum.
- Krens, Thomas. 2008. *Cai Guo-Qiang: I Want To Believe*. Nova Iorque: Guggenheim Museum.
- Uroskie, Andrew V. 2004. *Between the Black Box and the White Cube*. Chicago: University of Chicago Press.